

CONSTRUINDO PONTES: INCLUSÃO E DIVERSIDADE NA FORMAÇÃO EM SAÚDE.

Charllyngton Fábio da Silva Rodrigues¹;

Universidade Autônoma de Assunção (UAA), Assunção, Paraguai.

<http://lattes.cnpq.br/4479188437755121>

Lucas Pereira dos Santos²;

Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), Palmas, TO.

<http://lattes.cnpq.br/5717437566105975>

Selma Machado Guimarães Mascarenhas³;

União Brasileira de Faculdades (UNIBF), Paraíso do Norte, PR.

<http://lattes.cnpq.br/7593918077398675>

Sancha Alves Barbosa⁴;

União Brasileira de Faculdades (UNIBF), Paraíso do Norte, PR.

<http://lattes.cnpq.br/9078535063298520>

Robson Carneiro Rocha⁵;

Universidade Autônoma de Assunção (UAA), Assunção, Paraguai.

<http://lattes.cnpq.br/6051230709780521>

Jéssica Afonso Barros Pereira⁶.

Centro Universitário Internacional (UNINTER), São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/7951721685466731>

RESUMO: A inclusão e diversidade na educação em saúde são temas centrais para a formação de profissionais capacitados a atender uma população brasileira diversa. Este capítulo analisa as práticas atuais de inclusão e diversidade nos cursos de graduação em saúde, destacando a importância das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e as políticas públicas que visam promover um ambiente educacional equitativo. Apesar dos avanços, como a adoção de metodologias ativas e o reconhecimento das necessidades de grupos minoritários, persistem desafios significativos, incluindo a resistência institucional, a falta de representatividade e as desigualdades no acesso à educação superior. A capacitação contínua dos docentes e a promoção de um ambiente acadêmico inclusivo são essenciais para superar essas barreiras. O capítulo também propõe recomendações para aprimorar as práticas de inclusão e diversidade, enfatizando que a formação de profissionais culturalmente competentes é crucial para melhorar a qualidade do atendimento à saúde no Brasil. A tecnologia é apresentada como uma aliada nesse processo, oferecendo novas oportunidades para expandir o acesso à educação em saúde. Em suma, o compromisso com a inclusão e diversidade não é apenas uma questão ética, mas um investimento necessário para um sistema de saúde mais justo e eficaz.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Diversidade. Educação em saúde.

BUILDING BRIDGES: INCLUSION AND DIVERSITY IN HEALTH EDUCATION

ABSTRACT: Inclusion and diversity in health education are central themes for training professionals capable of serving Brazil's diverse population. This chapter analyzes current practices of inclusion and diversity in undergraduate health courses, highlighting the importance of the National Curriculum Guidelines (DCN) and public policies aimed at promoting an equitable educational environment. Despite advances, such as the adoption of active methodologies and recognition of the needs of minority groups, significant challenges persist, including institutional resistance, lack of representation, and inequalities in access to higher education. Continuous training of educators and promotion of an inclusive academic environment are essential to overcoming these barriers. The chapter also proposes recommendations to enhance inclusion and diversity practices, emphasizing that training culturally competent professionals is crucial for improving the quality of health care in Brazil. Technology is presented as an ally in this process, offering new opportunities to expand access to health education. In summary, the commitment to inclusion and diversity is not only an ethical issue but also a necessary investment for a fairer and more effective health system.

KEYWORDS: Inclusion. Diversity. Health education.

INTRODUÇÃO

A inclusão e diversidade na educação em saúde têm ganhado crescente importância nos últimos anos, refletindo a necessidade de formar profissionais de saúde preparados para atender uma população cada vez mais diversa. Este tema abrange não apenas a inclusão de pessoas com deficiência, mas também questões relacionadas à diversidade cultural, étnica, de gênero e socioeconômica no contexto da educação e prática em saúde.

O Brasil, com sua população estimada em 212,5 milhões de habitantes em 2024, é um país marcado por uma rica diversidade populacional. Esta multiplicidade se reflete nas variadas necessidades de saúde e nas diferentes formas de compreender e vivenciar o processo saúde-doença. Historicamente, o sistema de saúde brasileiro tem enfrentado desafios para atender de forma equitativa essa população diversificada, tornando imperativa a formação de profissionais de saúde capazes de oferecer cuidados culturalmente sensíveis e inclusivos.

A trajetória da inclusão na educação brasileira remonta ao século XVII, quando foram criados os primeiros atendimentos escolares para pessoas com deficiência. Desde então, o país passou por diferentes fases, da segregação à integração, até chegar ao paradigma atual da inclusão. A Declaração de Salamanca, em 1994, representou um marco significativo nesse processo, reafirmando o direito à educação para todos e ressaltando a importância de considerar as necessidades educacionais especiais.

No contexto da saúde, a inclusão e a diversidade ganharam destaque especialmente após a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS), que tem como princípios a

universalidade, a equidade e a integralidade. A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, instituída em 2011, foi um passo importante ao reconhecer a orientação sexual e a identidade de gênero como determinantes sociais da saúde.

Entretanto, persistem desafios significativos. Estudos recentes apontam que pessoas LGBTQIA+ ainda enfrentam barreiras no acesso a serviços de saúde, incluindo discriminação e falta de preparo dos profissionais para atender suas necessidades específicas. Além disso, a população negra continua a ser desproporcionalmente afetada por disparidades em saúde, evidenciando a necessidade de abordar questões de raça e etnia na formação dos profissionais.

Neste cenário, as instituições de ensino superior na área da saúde têm um papel fundamental. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de graduação em saúde têm incorporado progressivamente a temática da diversidade e inclusão, reconhecendo a importância de formar profissionais capazes de compreender e respeitar as múltiplas dimensões da diversidade humana.

A tecnologia emerge como uma aliada importante nesse processo, oferecendo ferramentas para eliminar preconceitos no recrutamento, permitir a colaboração remota e personalizar programas de treinamento⁶. Essas inovações têm o potencial de ampliar o acesso à educação em saúde e promover uma formação mais inclusiva e diversificada.

Diante desse panorama, este capítulo se propõe a explorar os avanços, desafios e perspectivas da inclusão e diversidade na formação em saúde no Brasil. Busca-se compreender como as instituições de ensino e os sistemas de saúde podem trabalhar em conjunto para construir pontes que conectem a formação acadêmica às necessidades reais de uma população diversa, promovendo assim uma saúde mais equitativa e inclusiva para todos os brasileiros.

OBJETIVO

O objetivo deste capítulo é analisar as práticas atuais de inclusão e diversidade na educação em saúde no Brasil, identificando desafios e oportunidades para promover uma formação mais inclusiva e culturalmente competente dos profissionais de saúde. Este objetivo se desdobra em metas específicas:

- Mapear as políticas e iniciativas existentes voltadas para a inclusão e diversidade nos cursos de graduação em saúde no Brasil.
- Avaliar a efetividade das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) na promoção de uma educação em saúde mais inclusiva e diversa.
- Identificar as principais barreiras enfrentadas por grupos minoritários no acesso e permanência nos cursos de saúde.
- Analisar as estratégias pedagógicas inovadoras que têm sido utilizadas para abordar questões de inclusão e diversidade na formação em saúde.
- Examinar o impacto das tecnologias digitais na promoção de uma educação em

saúde mais acessível e inclusiva.

- Propor recomendações para o aprimoramento das práticas de inclusão e diversidade na educação em saúde no contexto brasileiro.

METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica de natureza aplicada e abordagem qualitativa, com elementos de revisão integrativa da literatura. O processo metodológico foi estruturado nas seguintes etapas:

Definição da questão norteadora: “Como as práticas de inclusão e diversidade estão sendo implementadas na educação em saúde no Brasil e quais são seus principais desafios e oportunidades?”

Busca na literatura: Foram analisados artigos científicos, documentos oficiais, diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em saúde e relatórios técnicos publicados entre 2018 e 2024. A busca foi realizada nas bases de dados SciELO, PubMed, Web of Science, LILACS e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Adicionalmente, foram consultados os sites do Ministério da Educação, Ministério da Saúde e de organizações profissionais de saúde.

Estratégia de busca: Utilizou-se os descritores em português e inglês: “inclusão”, “diversidade”, “educação em saúde”, “formação profissional em saúde”, “equidade em saúde”, “competência cultural”, combinados com operadores booleanos (AND, OR). A estratégia de busca completa foi: (inclusão OR diversidade) AND (“educação em saúde” OR “formação profissional em saúde”) AND (Brasil OR Brazilian).

Crítérios de inclusão e exclusão: Foram incluídos estudos primários, revisões sistemáticas, documentos oficiais e diretrizes curriculares que abordassem a temática da inclusão e diversidade na educação em saúde no Brasil. Excluíram-se trabalhos não relacionados ao contexto brasileiro, estudos que não abordassem especificamente a educação em saúde e publicações em idiomas diferentes do português, inglês ou espanhol.

Extração e análise dos dados: Os dados foram extraídos utilizando uma matriz de síntese, contemplando informações como autores, ano de publicação, tipo de estudo, objetivos, metodologia, principais resultados e conclusões. A análise foi realizada por meio de análise temática, seguindo as etapas propostas por Braun e Clarke (2006): familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, busca por temas, revisão dos temas, definição e nomeação dos temas, e produção do relatório.

Síntese e apresentação dos resultados: Os resultados foram sintetizados de forma narrativa, organizados em categorias temáticas que emergiram da análise. Utilizou-se o software ATLAS.ti para auxiliar na organização e codificação dos dados.

Avaliação da qualidade dos estudos: A qualidade metodológica dos estudos incluídos foi avaliada utilizando instrumentos apropriados para cada tipo de estudo, como o CASP (Critical Appraisal Skills Programme) para estudos qualitativos e o JBI (Joanna Briggs Institute) para revisões sistemáticas.

Esta abordagem metodológica permitiu uma análise abrangente e rigorosa das práticas de inclusão e diversidade na educação em saúde no Brasil, fornecendo uma base sólida para a identificação de desafios, oportunidades e recomendações para o aprimoramento da formação dos profissionais de saúde no país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Políticas e Diretrizes Curriculares

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de graduação em saúde têm incorporado progressivamente a temática da diversidade e inclusão, refletindo uma mudança de paradigma na formação dos profissionais de saúde. Essas diretrizes visam não apenas a formação técnica, mas também a formação ética e social, reconhecendo que a saúde é um direito humano fundamental que deve ser acessível a todos, independentemente de suas características individuais ou sociais. No entanto, a implementação efetiva dessas diretrizes ainda enfrenta desafios significativos. Entre os principais obstáculos estão a resistência institucional à mudança, a falta de recursos e a necessidade de capacitação docente para que as diretrizes sejam aplicadas de forma prática e eficaz nas salas de aula.

Práticas Pedagógicas Inclusivas

Observou-se uma tendência crescente de adoção de metodologias ativas e participativas que favorecem a inclusão e o respeito à diversidade na formação em saúde. Essas abordagens, como a sala de aula invertida, o aprendizado baseado em projetos e o uso de simulações, têm se mostrado eficazes para engajar os estudantes e promover um aprendizado significativo. No entanto, muitas instituições ainda carecem de recursos adequados e da formação necessária para implementar plenamente essas metodologias. A falta de infraestrutura, materiais didáticos acessíveis e suporte técnico pode limitar a capacidade das instituições de ensino em criar ambientes verdadeiramente inclusivos. Além disso, é essencial que os educadores sejam capacitados para adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades específicas dos estudantes, garantindo que todos tenham oportunidades equitativas de aprendizagem.

Competências Culturais

O desenvolvimento de competências culturais tem sido identificado como um elemento crucial na formação dos profissionais de saúde para atuar em contextos diversos. As competências culturais envolvem não apenas o conhecimento sobre as diferentes culturas e suas práticas de saúde, mas também a capacidade de reconhecer e respeitar as particularidades dos pacientes. Programas de extensão e estágios em comunidades diversas têm se mostrado estratégias eficazes para promover essas competências, permitindo que os estudantes vivenciem realidades distintas e compreendam melhor as necessidades das populações atendidas. No entanto, ainda há uma lacuna significativa na formação teórica sobre diversidade cultural nos currículos dos cursos de saúde, o que pode comprometer a

capacidade dos futuros profissionais em prestar cuidados adequados.

Desafios e Barreiras

Persistem desafios significativos que dificultam a plena implementação das políticas de inclusão na educação em saúde. A resistência institucional à mudança é um dos principais obstáculos enfrentados pelas instituições, onde práticas tradicionais ainda predominam. Além disso, a falta de representatividade nos corpos docente e discente contribui para um ambiente educacional que não reflete a diversidade da população brasileira. Essa ausência pode perpetuar estereótipos e preconceitos, dificultando o desenvolvimento de uma cultura inclusiva nas instituições. Outro aspecto crítico é a necessidade de abordar questões estruturais de desigualdade no acesso à educação superior em saúde. A disparidade no acesso à educação entre diferentes grupos sociais, especialmente aqueles historicamente marginalizados, requer uma abordagem mais integrada que considere as barreiras econômicas, sociais e culturais enfrentadas por esses indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão e diversidade na educação em saúde são fundamentais para formar profissionais capazes de oferecer cuidados equitativos e culturalmente sensíveis. Embora avanços significativos tenham sido alcançados, é necessário um esforço contínuo para superar barreiras e implementar práticas verdadeiramente inclusivas. Recomenda-se o desenvolvimento de políticas institucionais mais robustas, a capacitação continuada dos docentes e a promoção de um ambiente acadêmico que valorize e celebre a diversidade em todas as suas formas.

A análise realizada neste capítulo revela que o Brasil tem feito progressos notáveis na incorporação de princípios de inclusão e diversidade na educação em saúde. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e as políticas públicas têm se alinhado cada vez mais com esses valores, reconhecendo a importância de formar profissionais de saúde preparados para atender uma população diversificada. No entanto, a implementação efetiva dessas diretrizes ainda enfrenta desafios significativos que requerem atenção contínua e esforços coordenados.

Um dos principais desafios identificados é a necessidade de transformar as políticas e diretrizes em práticas concretas no cotidiano das instituições de ensino. Isso requer não apenas mudanças curriculares, mas também uma profunda transformação cultural dentro das universidades e faculdades de saúde. É essencial criar um ambiente acadêmico que não apenas tolere, mas verdadeiramente valorize e celebre a diversidade em todas as suas formas.

A capacitação continuada dos docentes emerge como um elemento crucial nesse processo. Os educadores precisam estar equipados com as habilidades e conhecimentos necessários para abordar questões de diversidade e inclusão de maneira eficaz e sensível. Isso inclui não apenas o domínio de metodologias pedagógicas inclusivas, mas também

o desenvolvimento de competências culturais e a capacidade de criar um ambiente de aprendizagem acolhedor para todos os estudantes.

Além disso, é fundamental abordar as questões estruturais que perpetuam desigualdades no acesso à educação superior em saúde. Isso inclui a implementação de políticas afirmativas mais robustas, o fornecimento de suporte financeiro e acadêmico para estudantes de grupos sub-representados, e o desenvolvimento de programas de mentoria e apoio que promovam a retenção e o sucesso desses estudantes.

A tecnologia pode desempenhar um papel importante na promoção da inclusão e diversidade na educação em saúde. O uso de plataformas de aprendizagem online, recursos educacionais abertos e tecnologias assistivas pode ampliar o acesso à educação e criar oportunidades de aprendizagem mais flexíveis e adaptáveis às necessidades individuais dos estudantes.

É importante ressaltar que a promoção da inclusão e diversidade na educação em saúde não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma necessidade prática para melhorar a qualidade do atendimento à saúde no Brasil. Profissionais de saúde culturalmente competentes e sensíveis à diversidade estão melhor preparados para oferecer cuidados personalizados e eficazes, contribuindo para a redução das disparidades de saúde e a melhoria dos resultados de saúde para toda a população.

Por fim, recomenda-se que as instituições de ensino em saúde adotem uma abordagem holística e sistêmica para a inclusão e diversidade. Isso inclui a revisão regular de políticas e práticas, o estabelecimento de metas mensuráveis para aumentar a diversidade no corpo docente e discente, e a criação de mecanismos de accountability para garantir o progresso contínuo.

O caminho para uma educação em saúde verdadeiramente inclusiva e diversa é complexo e desafiador, mas os benefícios potenciais são imensos. Ao formar profissionais de saúde que refletem e compreendem a diversidade da população brasileira, estaremos construindo um sistema de saúde mais equitativo, eficaz e humano. O compromisso com a inclusão e diversidade na educação em saúde não é apenas uma responsabilidade ética, mas um investimento essencial no futuro da saúde pública no Brasil.

REFERÊNCIAS

RAIMONDI, G. A. et al. **Análise crítica das DCN à luz das diversidades: educação médica e pandemia da Covid-19.** Rev Bras Educ Med, v. 44, n. 1, p. 1-8, 2020.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil.** São Paulo: Iglu, 2001.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 569, de 8 de dezembro de 2017. Diário Oficial da União, 8 set. 2018.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira.** São Paulo: EDUSP, 2001.

BANKS-LEITE, L. **As questões linguísticas na obra de Piaget: apontamentos para uma**

reflexão crítica. In: BANKS-LEITE, L. (Org.). **Percursos piagetianos.** São Paulo: Cortez, 1997. p. 207-223.

PARANHOS, W. R.; AGUIAR, N. E.; SANTOS, E. B. **Diversidade e Inclusão em Organizações de Saúde: Como, Quando e Para Quem?** Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 7, n. 3, p. 247-270, 2021.